



ASSUMPÇÃO DE S. BRUNO.

Esta gravura é copia d'um quadro d'Eustachio Lesueur, distincto pintor francez do seculo 17.<sup>o</sup>, que entre outras obras de grande merecimento, adornou os claustros dos cartuxos de Paris com a vida de S. Bruno, representada n'uma formosa serie de vinte e dois quadros. Tambem em Portugal houve pintor, de grande nome dentro e fóra do reino, que entre muitas e primorosas obras de variados generos, deixou um quadro a oleo, de vastas dimensões, e d'excelente desempenho, conhecido pelo nome de *Conversão de S. Bruno*. Este painel, com outros do mesmo mestre, Domingos Antonio de Sequeira, nosso contemporaneo, esteve n'uma casa, e por signal bem escura, contigua ao claustro do mosteiro da Cartuxa em Laveiras, obra de duas leguas distante desta cidade, visinho á margem direita do Tejo, e á estrada real que a segue. Consta-nos que está na ga-

TOM. IV. MARÇO 28 — 1840.

leria portugueza da Academia Lisbonense de Bellas-Artes.

S. Bruno nasceu em Colonia em 1051, estudou em Paris, e foi conego de Rheims, e dirigiu o seminario desta diocese. Quando se resolveu a largar o mundo e a viver na solidão, fixou residencia nos limites do bispado de Langres, donde se mudou para uma serra proxima de Grenoble, erigindo um oratorio e sete cellas, remotas umas das outras, onde começou a viver *asceticamente* com outros monges, á maneira dos eremitas do Egypto e Palestina. O sitio deste estabelecimento, chamado Chartreux, deu o nome á ordem chartusiana, ou da Cartuxa, que se espalhou depois pelos reinos catholicos: e ahí ficou sempre a casa principal da ordem, isto é, a celebrada cartuxa de Grenoble. Bruno e seus companheiros adoptaram a regra de S. Bento, e viviam

de cultivar a terra pegada com as suas cellas, e das esmolas dos fieis; porem o 5.<sup>o</sup> geral da religião, Hugo ou Guido, reformou a regra; e os monges carthusianos, com o andar dos tempos, fundaram mosteiros em povoado, e adquiriram bens de que se sustentaram. S. Bruno viveu 50 annos: foi canonizado em 1514. Varios tractados que se lhe attribuem são d'outro S. Bruno d'Asti, seu contemporaneo, e abba de dos benedictinos do Monte-Cassino.

A ordem da Cartuxa era austerissima. Os monges vestiam um habito de burel branco, quasi sem feitiço, traziam a cabeça rapada, frequentavam o côro amiudadamente de noite e de dia; era-lhes prohibido fallar, salvo em certos dias; a sua saudação, quando encontravam, caminho do côro, algum companheiro, era: *lembra-te, irmão, que has-de morrer*. Não podiam sahir senão juntos em dias determinados de passeio, e n'alguns nem das cellas sahiam, tendo cada uma destas uma roda, para por ella o monge seu habitador receber o sustento, assim como tinha um pequeno jardim que o mesmo cultivava. Nunca se alimentavam de carne de vacca, ou de outra qualquer de uso commum, excepto de carne de kágados, de que tomavam caldos estando doentes, para o que tinham tanques ou viveiros cheios delles (\*). Não admittiam a musica nos templos, e resavam com um estylo tão monotono, que fazia somno. Não pré-gavam, nem fóra de mosteiro administravam os sacramentos aos fieis. As mulheres não podiam entrar em suas igrejas, todavia nós vimos a do convento da Cartuxa acima mencionado atulhada dellas, na occasião d'uma visita que a Sr.<sup>a</sup> rainha D. Carlota alli fez, porque em taes casos se relaxava o rigor da prohibição; e antigamente o vulgo cuidava que os padres mandavam virar os tijolos depois de receberem semelhantes visitas. Só ao prior e ao procurador era licito sahir a tratar negocios da casa, ou para confessar alguém *in articulo mortis*. Os leigos corriam com a administração domestica, e todo o serviço era feito por mogos.

A ordem chartusiana entrou em Portugal pelos annos de 1587, e foi introduzida por D. Theotónio de Bragança, filho do duque D. Jayme, e arcebispo d'Evora, que tinha estudado em París, onde frequentára a conversação dos monges de S. Bruno, e, agradado delles, determinou de os chamar a este reino quando foi eleito prelado, fundando-lhe o excellente mosteiro de *Scala Cœli* em Evora, para onde passaram os primeiros monges a 15 de Dezembro de 1598, havendo onze annos que residiam em corporação na cidade, nos Paços junto a S. Francisco. A Cartuxa de Laveiras foi fundada tambem em 1598 na quinta que fóra de D. Simão Godinho, mulher de côr preta, mas mui rica e principal da ilha de S. Thomé, que tinha casado com um fidalgo portuguez, e enviuvado sem successão veio a este reino, e por sua morte distribuiu em obras pias os seus cabedaes. Foi o principal promotor da erecção deste mosteiro D. Jeronymo d'Attaide, filho do conde da Castanheira, e bispo de Viséu.

Não houve mais casas desta ordem em Portugal, afóra um pequeno hospicio em Lisboa.

#### LISBOA.

##### 4.<sup>o</sup>

EMULA de Roma queriam os nossos antigos escriptores que fosse a capital deste reino, pela circumstancia de estar situada sobre sete montes; mas o tempo

(\*) No viveiro do mosteiro de Laveiras vimos pequenas tartarugas, colhidas por pescadores.

com o augmento da cidade destruiu a analogia, abarcando hoje o ambito da moderna Lisboa maior numero de eminencias, confirmando o epitheto, que lhe dera Gravio, de *acrópolis*, a montuosa. Se a povoação de Roma, na frase d'um viajante, como que resvalou dos altos para a planicie, a de Lisboa cresceu, e alargou-se, coroando montes e occupando valles, com o que, apesar dos desastres que mencionamos, veio a fazer-se tão ampla e magestosa, como agora a vemos, levando neste particular decidida vantagem á capital do orbe catholico.

Das collinas de Lisboa, uma das mais centraes, a que chamamos o monte do castello, é tambem a mais elevada, porque, segundo o Sr. Franzini, está a bateria do mesmo castello a 347 pés de París, [341,57 prox. pés portug.] acima do nivel do mar, quando o chão da igreja do convento da Graça, que lhe fica fronteiro para o norte, está a 252 pés parisienses [243 portug.], o da igreja da Senhora do Monte a 305 pés par. [300,22 portug.], o da igreja da Penha de França 338 [332,7 port.]; alturas que, assim como a do castello, ficam na parte oriental da cidade. A maior altura da parte occidental é a do solo onde está o convento da Estrella, que assim mesmo, segundo calculos approximados não excede a 340 pés de París, sem contar-mos o assento do palacio da casa d'Anadia a S. João dos Bemcasados, que tambem não passa de 344 pés ditos proximamente. Cabe neste logar o notar-mos que esta divisão de Lisboa em oriental e occidental já em tempo do Sr. D. João 5.<sup>o</sup> separou duas dioceses pela bulla aurea do pontifice Clemente 11.<sup>o</sup>, que começa: *In supremo apostolatus solio*, expedida aos 7 de Novembro de 1716, quando o mesmo augusto monarcha erigiu a capella real em patriarchal, ficando a parte do nascente pertencendo ao antigo metropolitano, arcebispo de Lisboa, e a do poente ao patriarcha; a separação porem durou pouco tempo, porque a rogos do mesmo rei D. João 5.<sup>o</sup> o papa Bento 14.<sup>o</sup> passou a bulla de 13 de Dezembro de 1740, que incorporou as duas jurisdicções n'um só patriarchado, extinguindo a antiquissima sé archiepiscopal de Lisboa. Sem nos importar porem esta divisão ecclesiastica, acharemos que ella parece natural, se a considerarmos topographicamente. Supponhâmos que o valle longitudinal que corre da terra para a beira do Tejo entre o monte do castello ao oriente e as eminencias de S. Francisco e do Carmo e de S. Roque ao occidente não era a magnifica cidade baixa ou nova, reedificada, ou para melhor dizer construida depois do ultimo terremoto; mas sim o esteiro ou braço do rio que segundo o testemunho de Fr. Luiz de Sousa e de outros chegava antigamente ao edificio do convento de S. Domingos; supponhâmos tambem que do lado do poente existia a povoação como ora está, e assim do outro lado: eis-aqui temos duas cidades fronteiras nas situações e rumos que indicámos, cada uma com o numero de casas e de habitadores, e com a extensão necessaria para cabeça d'um reino de mediocre grandeza; accrescendo a singularidade de que por uma parte se descobrem nas ruas tortuosas e pouco limpas, e em muita casaria os vestigios da povoação d'antigos tempos, e na outra, a occidental, quasi tudo revela fundação posterior, apesar de que os fundamentos d'alguns de seus edificios datem d'epochas remotas da monarchia.

Imagine agora alem disto o estrangeiro que, neste intervallo, e immediatamente adjacente ás duas cidades oppostas, se levantou outra, sobre chão plano conquistado ás aguas, no estylo moderno, com ruas espaçosas, bem calçadas, guarnecidas de commodos passeios para a gente de pé, formadas de vas-

tos quarteirões de casas de quatro e mais andares, alinhadas como se fôra a cordel, cortadas em angulos rectos por outras ruas igualmente regulares, e desembocando as principaes, pelas suas extremidades contrarias na direcção norte-sul, em duas grandes e magestosas praças; imagine mais que uma destas, a meridional, possui um caes em cuja frente fundeiam alterosas náus, e que dos outros tres lados a fecham edificios publicos, que todos formam o aspecto d'um continuado e immenso palacio, avultando no meio uma estatua equestre de bronze, que, com seu primoroso e bem ornado pedestal, é um dos primeiros monumentos da Europa neste genero; ponha na idéa que a outra, a do norte, é um parallelogrammo de grandes lados, onde a casaria iguala á das ruas; e que alem della se estende um passeio publico com alamedas de frondosas arvores, amenizado com um jardim florido, e a frescura das aguas. Se poder deste leve esboço compor um quadro na fantasia, reflectindo ao mesmo tempo nas poucas palavras com que começámos esta serie d'artigos, poderá o estrangeiro, que ouve fallar em Lisboa, fazer idéa do que é esta capital; o que lhe não acontecerá se consultar as relações d'alguns homens, que vieram aqui passear, comer laranjas e beber vinho puro, e foram depois por esse mundo rabiscar papel, desmentindo sem pejo os brados da consciencia, e o testemunho dos proprios olhos. E que muito será que assim aconteça, se em obras serias, como n'uma ingleza, publicada no anno passado, se lê que *antes da supressão dos conventos, davam estes a Lisboa uma apparencia fradesca!* Por ventura com a supressão dos frades demoliram-se todos os conventos? Bem poucos foram os que se transformaram em predios de aluguer, e muitos delles como a *Trindade* já tinham esta apparencia externa. Nas ruas o que mais dava na vista eram as frontarias das igrejas, que quasi todas subsistem: por isso se o auctor dissesse que o grande numero de templos já de nossas 37 freguezias, já d'infinitas ermidas publicas e particulares, já dos conventos, dá a Lisboa a apparencia de uma cidade religiosa, lá teria razão! Mas a sua sentença suscita as gargalhadas dos portuguezes, e dos estrangeiros que por cá residem.

Voltando porem ao castello, de que esta digressão nos apartou, o acharemos sobre uma collina, ou môro não só alcantilado, mas extremamente ingreme, sobretudo da parte do norte, o que não impediu que por outros lados o povoassem, de fôrma que até o cimo, visto da parte do rio e da occidental, é uma pinha de casas. Originariamente foi esta a cidade, com dois bairros ou arrabaldes contiguos á falda do monte para o nascente e para o poente, ficando na encosta septentrional a povoação de *Villa-Quente*, que o terremoto de 1531 submergiu. Dentro do recinto do castello, que era todo amuralhado e fortalecido com torres que a tradição denominou de *Ulisses*, mas que evidentemente eram obra mourisca, como se colhe do que ainda nos resta, o espaço é tal que accomoda uma freguezia de 320 fogos, alem das prisões militares, que são arejadas e muito seguras, e dos quarteis e outras casas destinadas a serviço de tropa, de fôrma que considerado de per si semelha uma antiga villa acastellada na corôa d'uma montanha. Como ponto militar para defeza é nullo, ainda que em mãos inimigas podia varejar parte da cidade a que fica sobranceiro, e causar-lhe grande damno. Muito mal irá Lisboa quando no castello estiver a sua unica salvação: á bateria que existe cabe a primazia de annunciar com salvas as occasiões de publico festejo.

Abstemo-nos de fallar das portas do castello, por-

que a este respeito achará o curioso a necessaria noticia no artigo inserto a pag. 338 e segg. do 2.<sup>o</sup> vol. deste Jornal, onde se trata não só da primeira cerca da cidade, como da que mandou erigir elrei D. Fernando: ahí lerá tambem a inscripção do monumento de Martim Moniz, que está sobre a porta appellidada do nome deste heroe, *fronteira ao monte da Graça*, o qual consta de um busto de marmore branco, que póde ver-se, bem como o desenho da porta e do lango da muralha por aquella parte, n'uma estampa que acompanha o 5.<sup>o</sup> Quadro Historico do Sr. Castilho. É justissimo que os traslados dos monumentos nacionaes vão appensos a uma obra, que será um monumento mais duradouro que os marmores, levantado á gloria portugueza.

Do mesmo lado septentrional se desfructa talvez uma das mais amplas e distinctas vistas da cidade: eis-aqui como o Sr. Castilho brevemente a descreve na explicação da estampa. — «A direita de quem a olha de fôra (*a porta*) se acosta ao muro, que é de boa grossura, uma torre que a defendia. O painel que os olhos dalli relanceam é magnifico: S. Vicente de Fôra, Graça, Campo de Santa Anna, Senhora do Monte, campinas graciosas, e montes ao longe: por baixo dos pés cidade, e por um recanto da esquerda o Tejo a fugir.» Da banda de dentro desta porta do Moniz ha um largo defronte da parochial igreja de Santa Cruz. É provavel que a erecção da parochia fosse devida ao nosso primeiro monarcha, e Carvalho refere que elrei a estabelecera no local d'uma mesquita, como era tradição. O infausto terremoto do 1.<sup>o</sup> de Novembro de 1755 arruinou quasi inteiramente o antigo templo, assim como lançou por terra as casas do thesouro das tapeçarias e roupas, o paço real [onde residiu D. Fernando e D. Sebastião] que então pertencia aos alcaides-mores de Lisboa, os quarteis dos quatro regimentos de infantaria da guarnição da côrte, as torres chamadas de *Ulisses*, e alem de muitas casas o *Archivo Real*, ou cartorio de todo o reino, vulgarmente a *Torre do Tombo*, que era de instituição remota; mas parece que elrei D. João 3.<sup>o</sup> mandára fazer as accommodações, que o dito cartorio occupava no castello ao tempo do desastre, segundo se colhe d'uma inscripção latina, que traz o P.<sup>o</sup> Castro a pag. 258 do vol. 3.<sup>o</sup> in 4.<sup>o</sup> e estava sobre a porta da primeira casa dos armarios, indo da primeira casa da torre, onde se escrevia. Na parede fronteira se achava em um quadro, com letreiro explicativo, pintado o extraordinario solho, de que fizemos menção a pag. 360 do 3.<sup>o</sup> vol. O *Archivo*, ameaçado de total ruina, no destroço e confusão do terremoto, por aneira que tudo o que não fosse desencaminhado ou submergido poderia ser pasto das chammas, foi salvo completamente pela incansavel diligencia do engenheiro-mor do reino, Manuel da Maya, a cujo cargo estava, de fôrma que dezenove livros da chancelaria de D. Afonso 5.<sup>o</sup>, que faltavam, se foram descobrir em sitio onde parecia impossivel que o abalo da terra os arremegasse. Na praça d'armas do castello se fabricou por sollicitude do mesmo guardador, Maya, uma casa provisoria de madeira, em que os livros e papeis se accommodaram com arrumação, e dalli se transferiu tudo, em Agosto de 1757, para a calçada da Estrella, onde tem permanecido a repartição sempre com o nome de *Torre do Tombo*. Por essa occasião se arruinou totalmente no mesmo recinto o hospital de N. S.<sup>a</sup> da Conceição, servido pelos religiosos de S. João de Deus, fundado em 1673, governando como regente D. Pedro 2.<sup>o</sup>, e destinado ao curativo dos soldados enfermos. Modernamente se tem por vezes estabelecido hospitaes militares no castello.

Nos restos da cidadella mourisca se descortinam as ruínas de um alcaçar que deveria ter sido a residência do alcaide mouro, e assim os vestígios de caminhos subterrâneos: sabido é que os mouros os abriam nas suas fortalezas, e quanto a esta o P.<sup>o</sup> Carvalho falla de *uma grande estrada encuberta por baixo do chão*.

O castello chama-se, geralmente, castello de S. Jorge, por ser este o seu padroeiro e tambem do reino: a devoção a este santo nos veio d'Inglaterra com o casamento d'elrei D. João 1.<sup>o</sup> com D. Filipa de Lancastre ou talvez anteriormente com a vinda das tropas do Duque de Cambridge em auxilio d'elrei D. Fernando.

A entrada principal da praça é hoje pela porta tambem denominada de S. Jorge. Quanto á cisterna, de que trata a Academia dos Humildes tomo 1.<sup>o</sup>, e que mencionámos a pag. 116 do 2.<sup>o</sup> vol., desapareceu o prestigio de seu echo notavel, e a fama de templo da gentildade, ou de mesquita de mouros, em presença das recentes averiguações.



CAVALLEIRO DA ORDEM DE CRISTO.

INSTITUIÇÃO DAS ORDENS MILITARES EM PORTUGAL.

(Veja-se a pag. 52 deste volume).

### III

#### ORDEM DE CRISTO.

EXTINCTA em 1311 a ordem dos cavalleiros do Templo, por sentença que a instancias de Philippe, o Formoso, rei de França, deu em privado consistorio o papa Clemente 5.<sup>o</sup>, das rendas que ella tinha em Portugal fundou elrei D. Diniz a religião militar de

Christo, com auctoridade do summo pontifice João 22.<sup>o</sup>, que expediu a bulla da sua instituição a 14 de Março de 1319. Alem dos bens que ficaram dos Templarios doou tambem elrei à nova milicia a villa e fortaleza de Castro-Marim no reino do Algarve, dispondo que nella se estabelecesse o convento da ordem, donde assim por mar como por terra podia fazer guerra aos mouros de Marrocos e Granada, que inquietavam os possos mares, e persistiam na teima de invadir e conquistar de novo toda a Hespanha.

O primeiro Mestre que teve a ordem foi D. Gil Martins, que o era então da cavallaria de Aviz, e vinha nomeado pelo papa, querendo que entrasse logo na de Christo Mestre que houvesse militado debaixo da regra de S. Bento e reformação de Cister, para instrucção dos novos professores, sugueitando-a outro sim á visitação dos abbades de Alcobaga, de que só foi isenta por outra bulla de Paulo 3.<sup>o</sup>, expedida em 1542 no reinado d'elrei D. João 3.<sup>o</sup>.

Fez o Mestre D. Gil as primeiras constituições da ordem em 1321: cinco annos depois fez outras o segundo Mestre D. João Lourenço, e assim foram continuando seus successores, additando e innovando as cousas conforme o tempo o requeria, todas as quaes confirmava o abbade de Alcobaga, como visitador e reformador desta religião, até que em 1443, sendo governador da ordem o infante D. Henrique, o primeiro e principal ampliador della, se procedeu á sua reformação por breve que impetrou do papa Eugenio 4.<sup>o</sup> Aos estatutos que então se fizeram para observancia da ordem, e modo de vida dos cavalleiros, acrescentou depois elrei D. Manuel outras definições, por onde a mesma lhe ficou devendo a legislação e direcção religiosa com que se governava.

Corria o anno de 1356 quando o Mestre D. Estevam Gonçalves Leitão, quarto em ordem dos desta cavallaria, fez a mudança do convento de Castro-Marim para Thomar, vendo que aquella villa era de pouca povoação, e que a ordem não tinha cabedal para a povoar e fortalecer como convinha. As razões mais congruentes e verosimeis que a isso o moveram foram sem duvida o ter sido Thomar convento e cabeça da ordem do Templo, e estar esta villa situada no coração do reino, donde podiam os Mestres acudir a tudo o que tocava á ordem; assim como pela disposição do sitio, e capacidade do edificio, em que se podia accommodar tudo quanto convinha a uma religião de tanta estimação e valia. Deste tempo em diante ficou sendo Thomar cabeça da ordem militar de Christo (1).

Contando do primeiro Mestre D. Gil Martins até D. Lopo Dias de Sousa, sobrinho da rainha D. Leonor, teve a ordem sete, que foram em rigor Mestres e cavalleiros estreitamente professos desta religião. A este ultimo succedeu o infante D. Henrique, duque de Viséu, que foi o primeiro que administrou a ordem, com o titulo de Governador e Administrador della, não querendo fazer profissão com o voto de pobreza por não perder o ducado e mais senhorios que lograva. Com o mesmo titulo de Governador lhe succedeu seu sobrinho, o infante D. Fernando, irmão d'elrei D. Affonso 5.<sup>o</sup>, e a elle seus tres filhos D. João, D. Diogo, e D. Manuel,

(1) O magnifico e sumptuoso edificio do extincto convento da ordem de Christo em Thomar acha-se hoje em total abandono, e exposto á rapina e devastação dos povos, cahindo em ruínas tantos primores da arte! . . . Desmarcada fóra esta nota se nella houveramos de produzir as idéas que neste momento occorrem á nossa imaginação, indignados de tanta incuria e desleixo; cumpre-nos porem remetter o leitor ao elegante discurso que em favor dos monumentos de gloria nacional teceu com mão de mestre o distincto litterato que presidiu á redacção deste semanario.

o qual conservou o governo da ordem em todo o tempo do seu reinado: por sua morte a administrou elrei D. João 3.<sup>o</sup>, por bulla do summo pontifice Adriano 6.<sup>o</sup>, até que por outra de Julio 3.<sup>o</sup>, expedida em 1551, lhe foi conferida, e a todos os seus successores na corôa, ainda que femeas, a administração perpetua dos Mestrados das ordens militares do reino.

O habito dos cavalleiros é uma cruz vermelha, quasi quadrada, fendida no meio com outra branca; e dado que a alguns pareça que esta insignia fosse a mesma que a do Templo, notoriamente é differente, pois que a dos templarios era toda vermelha, e a de Christo consta daquellas duas côres, nem é crível que o papa lhe permitisse a insignia da cavallaria que o seu antecessor extinguiu, ordenando que de todo se perdesse a memoria della.

Não só teve a ordem de Christo um consideravel patrimonio dentro no reino, senão que se estendia a sua jurisdicção a todas as conquistas de Portugal, de que foi devedora ao immortal infante D. Henrique, o qual depois que se recolheu da conquista de Ceuta, em que teve tanta parte, concebeu logo em seu animo pensamentos de descobrir e ganhar novas terras, sendo as ilhas de Porto Santo e Madeira as primicias de tão laboriosos cuidados. Por fallecimento d'elrei D. João de boa memoria, seu filho e successor D. Duarte, respeitando os dispendios grandes que o infante seu irmão havia feito no descobrimento, povoação e culto destas ilhas, lh'as doou por tempo de sua vida, concedendo á ordem de Christo a perpetua jurisdicção espiritual dellas. Nos mais descobrimentos e conquistas, que se principiaram debaixo do estandarte da ordem, e com os cabedaeas do infante D. Henrique, reconheceu o reino o que devia a esta cavallaria; e assim com muita razão todas as armadas que sahiam para as nossas possessões ultramarinas levavam os estandartes das armas reaes assentadas sobre a cruz da ordem de Christo, reconhecendo que a ella era devida aquella herança: por onde a capitania da India não só em seus proprios mares, mas nos de Portugal, tinha preferencia ás capitancias reaes, não obstante que o cargo de general da armada real de Portugal era preeminente ao de capitão-mór da India.

Os reis deste reino, como tinham a esta milicia por sua, a honraram e enriqueceram mais que a nenhuma das outras, dando-lhe 21 villas e logares, e 454 commendas, em que entravam 45 que se proviam pela casa de Bragança.

Resta-nos fallar das dignidades da ordem. Dizia elrei D. João 1.<sup>o</sup> que as quatro columnas do esplendor deste reino eram os Mestres das tres ordens militares, e o Prior do Crato da ordem do Hospital (\*), porquanto se admiravam todos da grandeza, apparato, e estado delles, com que se induzia o respeito e estimação do reino, que podia dar logares de tanta soberania. A primeira e principal dignidade depois do Mestre, em cada uma destas religiões militares era o Prior-mór, que tinha jurisdicção no espirital e temporal do convento, exercitando o poder espirital não só com os clérigos residentes na casa, mas com os cavalleiros que viviam separados della. Ao D. Prior do convento de Thomar pertencia chamar por cartas a capitulo geral para nova eleição de Mestre, a quem tomava o juramento de fidelidade e obediencia ao papa. A segunda era o Commendador-mór, que presidia na ausencia do Prior, e por fallecimento do Mestre, no interim da vacante, lhe pertencia governar a ordem. Seguia-se o Clavei-

(\*) Veja-se a respeito desta ordem o 3.<sup>o</sup> vol. do Panorama, a pag. 26.

ro, cujo officio era ter as chaves do convento quando os cavalleiros viviam em communidade, e ao qual competia distribuir o mantimento, e tomar conta dos gastos que se faziam. A quarta dignidade era o Sachristão-mór, a quem pertencia em capitulo ter os sellos da ordem. A quinta e ultima dignidade era o Alferes que levava a bandeira nas procissões, e em todos os actos de guerra em que ia o Mestre.

Tratando da instituição das tres ordens militares, de Christo, Aviz e Sanctiago, outros mais habeis que nós teriam levado a maior profundidade as suas indagações: — escrevemos o que sabiamos, e com isso nos damos por desobrigados.

J. C. de F.

## CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRASIL.

### X.

#### A POSSE E A DESPEDIDA.

CHEGOU a manhaã de quinta feira, placida e mimosa como todas as manhaãs nos paizes entre os tropicos. A tripulação das naus foi cedo para terra continuar a cortar lenha e a fazer aguada. Os dez bombardeiros de cada nau, capitaneados pelo condestavel, cuidavam nas artilherias; e os pilotos faziam observações com o astrolabio maritimo. Fôra este recentemente inventado, ou antes aperfeiçoado pelos mestres José e Rodrigo, portuguezes, com o nuremberguez Martim Behaim, os quaes para este fim se tinham juntado, de ordem d'elrei D. João 2.<sup>o</sup>, que sabia antever os bons effeitos da reunião das intelligencias. Vinha a ser este instrumento um circulo graduado de latão, com certo anel adaptado, pelo qual se podia dependurar: una alidade facultava o seu uso. O capitão-mor ia a sahir para terra quando deu fé que se aproximava Sancho de Toar com os seus dois hospedes em um batel, e se decidiu a esperar no portoló, encostando-se á amurada para o ver atracar. Toar subiu e saudou o seu chefe, appresentando-lhe os dois mancebos, que declarou terem vindo por vontade propria. Pedr'Alvares voltou á camara, e mandou trouxessem de comer aos hospedes. Sancho de Toar, tomando apenas alguma vianda, contou como nas vespersas os mandára pensar e curar, e como tinham manducado bem, e dormido entre lençoes pela primeira vez na vida. Os hospedes sentaram-se mui fidalgos em cadeiras, e começaram a mastigar com gana lacção cosido frio e arroz, e tudo o mais que lhe davam; porem com particularidade os comeres não quentes.

O capitão-mor, vendo que Sancho de Toar não desviava do pé de si a albarrada do vinho, mandou vir outra por onde podessem beber os hospedes. Toar, que percebeu tanta delicadeza, desculpou-se declarando ter já experimentado que elles o não podiam tragar. — «Emquanto a isso os não avesarem; que elles são descendentes de Noé como nós outros», interrompeu Pero Vaz.

«Quem sabe lá se aqui chegou o diluvio: esta terra nesse tempo ainda se não conhecia» — disse dalli innocentemente um filho d'Ayres Correa; mas ninguem fez caso deste dito. Os hospedes acabaram de comer, e se ergueram sem mais ceremonias.

Pedr'Alvares e Sancho de Toar levantaram-se tambem, e todos foram para terra no batel, aonde estavam os outros indigenas já mui familiarizados e a comer com os mareantes; e mais mansos entre nós, que nós entre elles, diz Pero Vaz.

Em terra Pedr'Alvares se encaminhou com todos

os seus para a cruz, que já estava prompta e encostada a uma grande arvore á borda do rio, a fim de lhes dar veneração: os indigenas imitaram ás cegas este acto de a irem todos beijar, sem imaginarem que este osculo era a sanção propria da futura perda da sua independencia, segundo a expressão de um elegante escriptor.

O resto do dia foi passado, sem novidade digna de se contar, em danças ao som de um tamboril. Baixava o dia e todos começavam a recolher-se aos bateis. Os indigenas bem informados naturalmente por aquelles dois do bom tratamento que se lhes dava, os queriam todos acompanhar ás naus. Por fim vieram só tres, os quaes tambem tiveram nessa noite cama de colção e lençoes.

É elegante a maneira como Pero Vaz descreve a innocencia destes indigenas. Ouçamos pois de novo as suas palavras. — «É segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra cousa para ser toda christã, cá (que) entenderem-nos; porque assi tomavam aquillo que nos viam fazer com'a nós mesmos: por onde pareceu a todos que se V. A. aqui mandar quem mais entre elles de vagar ande, que todos serão tornados ao desejo de V. A.; e para isso se alguem vier não deixe de vir clérigo para os baptisar; porque já então terão mais conhecimento de nossa fé pelos dois degradados que aqui entre elles ficam. . . Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa — á qual deram um panno com que se cobrisse, e puzeram-lho d'arredor de si; però ao assentar-se não fazia memoria de o muito estender para se cubrir. Assi, senhor, que a innocencia desta gente é tal, que a d'Adão não seria mais quanto em vergonha. Ora veja V. A. quem em tal innocencia vive, ensinando-lhes o que é para sua salvação, se se converterão ou não. . . . .» E n'outro lugar escreve:

«Parece-me gente de tal innocencia, que se os homem entendesse, e elles a nós, que seriam logo christãos; porque elles não tem, nem entendem em nenhuma crença, segundo parece, e portanto se os degradados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua falla, e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de V. A., fazerem-se christãos, e creem na nossa santa fé, á qual praza a Nosso Senhor que os traga; porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e *empremar-se-ha* ligeiramente nelles qualquer crunho que lhes quizerem dar. E logo lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos com'a bons homens, e elle que nos por aqui trouxe creio que não foi sem causa. E portanto V. A., pois tanto deseja na santa fé catholica, deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram nem criam, nem ha aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que as arvores de si lançam. E com isto andam taes e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos.»

Passou sem novidade esta ultima noute de Abril. Entrou o alegre Maio, e o primeiro dia deste mez foi o da vespera da partida das naus. No velho Portugal iriam repousar os tenros maiosinhos cansados do pezo de tantos rozaños de malmequeres, com que tinham andado em pé e jogando á bola pelas ruas das villas e cidades. O sol manifestava o seu aparecimento no novo hemispherio, e ficava a noite presidindo ao antigo. Um ventinho fresco começava a dissipar alguns nevociros e a desfazer as nuvens, que

tinham, pela hora da modorra, toldado as estrellas. Ao longe se erguiam nevoas escaças á maneira dos fumos nas queimadas das charnecas e matos maninhos. No firmamento se viam a logares manchas do azul celeste, crescendo com o desaparecimento de nuvens translucidas; estas no cimo das aguas pareciam juntar-se e formar um cerro alto e esplendente como o nevado Chimborazo.

Chammas inflammadas começaram dentro em pouco a sahir do pico mais elevado. Julgariéis ver uma imagem de algum dos volcões de Antisana ou de Popocatepétle vomitando fogo das serras de neve. Esta imagem se mostrava do oriente, o cerro foi desaparecendo, e o sol já subido appresentou a sua face rutilante. — Tinha-se passado o phenomeno regularissimo do nascer do sol. As attensões se volveram para o lado opposto. Pedr'Alvares ordenára mandar por despedida fazer o auto de real posse da terra descuberta a fim de o participar a elrei. Os padres e sacerdotes tinham recebido aviso de que este se havia de fazer acompanhado de missa rezada; os capitães, fidalgos e cavalleiros eram convidados para a ella assistirem; e aos degradados e mais chusma fôra simplesmente dado aviso de acompanharem nesse dia o capitão mór. —

Apromptaram-se os bateis; e os remeiros punham todo o cuidado de os conservar distantes do costado das naus; a fim de não irem de encontro a estas que arfavam de continuo, visto que o mar era um tanto picado. Quando todos entravam, desprenderam os cabos, afastaram-se com os remos e largaram velas ao vento. Cortando á bolina as aguas, venceram em poucos minutos a distancia que os separava da terra, e se dirigiram ao rio que faz aqui uma ilha na foz. Colheram as velas e começaram a subir a remos por este rio acima. — Frondosas arvores o sombreavam de um e outro lado, e os olhos se regalavam com a vista da viçosa vegetação que vestia uma e outra margem: as inermes aves ribeirinhas fugiam de medo com a aproximação dos bateis. — Iam estes pelo rio acima apezar das difficuldades que offereciam uma immensidade de ramos e toros boiantes, e alguma vez um desmesurado tronco de arvore derribada, que se atravessava de um a outro lado, tolhendo a navegação. — Teriam andado obra de dois tiros de bésta quando encontrando bom desembarcadouro se achegaram á margem á vara, e atracando com os croques desembarcaram por meio das pranchas. E os indigenas foram logo de volta com elles. —

Encaminharam-se a um pequeno outeiro, do qual se descubria a estender d'olhos maior horisonte, e onde pareceu adequada situação para no meio de tantas arvores plantar uma exotica e de nova especie — uma cruz que devia pegar e produzir bem. — O capitão mór assignalou o sitio em que se devia fazer a cova, que foi começada a abrir por dois homens: os mais passavam o rio para a trazerem, o que effectuaram com o acompanhamento em alas e em fórma de procissão, no couce da qual ia o capitão mór ao pé da cruz acompanhada pelos padres. Os indigenas tambem faziam numero, e até, quaes cyrineus, ajudavam os que a conduziam para aquelle pequeno calvario. — Quando foram no sitio aprazado, depois de pregarem na cruz as armas e divisa de elrei D. Manuel, a levantaram e chantaram. — Nesta occasião foi a terra baptisada com o nome de *Vera-Cruz*. E por este acto solemne se acabou de realisar o oraculo de Negea:

Irá logo o Cabral, varão famoso,  
Ver do Brazil a costa prolongada  
Onde um trophéo levanta glorioso  
Em que deixa sua fama eternizada (\*).

(\*) Ulysséa VII, 79.

O que confirmára também o «grão tonante» á pro-  
tectora dos lusitanos:

Os vossos mores cousas attentando  
Novos mundos ao mundo irão mostrando, (\*\*)  
Provando assim ao Gama que á direita  
De terra tem certeza e não suspeita (\*\*\*)

Ao pé da cruz se arvorou um altar mui ligeiro, accenderam duas velas, e dahi a pouco appareceu Fr. Henrique com um rapaz de mãos postas adiante, e foi começar a missa resada, ajoelhando-se o acolyto á esquerda, e todos os mais com elle, quasi a um tempo. Os indigenas admiraram-se desta acção repentina, e com difficuldade se ensaiaram para a imitar. Quando foi ao virar do evangelho, levantaram-se todos por assim o verem fazer aos outros, e quando estes se benziam levavam aquelles, para os imitar também, as mãos á cara, e faziam toda a casta de gatimanhos. — A sua admiração cresceu quando tendo-se outra vez ajoelhado ao *Orate fratres*, ouviram logo dahi a pouco romper-se o maior silencio pelos agudos sons de uma campainha, acompanhando certas expressões em voz mais alta e mysteriosa, e que todos batiam nos peitos, o que elles também imitavam. —

Veio a communhão da missa, e o capitão mór, varios fidalgos e cavalleiros entrando o nosso devoto Pero Vaz, alguns religiosos e sacerdotes se chegaram para o altar, afim de também commungarem; o que igualmente fizeram os dois degradados que deviam ser aqui deixados (::). A missa ia alongando, e alguns indigenas começaram a enfadar-se co'a demora: «outros estiveram e ficaram». No numero dos ultimos entrou um velho, ao parecer de cincoenta e tantos annos, que convocava os mais, e lhes fallava apontando para o altar e depois para o ceu — parecendo dizer serem aquellas cerimoniaes superiores e divinas — o que fez grande impressão nos devotos animos que alli se achavam. —

Em se tendo acabado a missa, Fr. Henrique, deixando-se ficar só na alva, achou segunda occasião de exercitar a sua eloquencia evangelica, e de ostentar theologica erudição. Discorreu pela vida dos apostolos S. Philippe e S. Thiago, que a igreja solemnizava naquella dia, reputado do anniversario do descobrimento das ilhas de Cabo-Verde, e não se esqueceu de fazer uma peroração ácerca das justas e santas intenções com que se proseguiam os descobrimentos.

O sol estava no seu apogeu, o tempo já sereno e o mar muito manso quando Fr. Henrique finalizou. Dahi a pouco veio o capitão Nicolau Coelho, trazendo muitos crucifixos de estanho que lhe tinham ficado da viagem antecedente feita com Vasco da Gama. Fr. Henrique distribuiu um a cada gentio, atando-lho ao pescoço, fazendo-os primeiro beija-lo e levantar as mãos. Elles cumpriam o que lhe mandavam, e coitados não viam mais que a imagem do Crucificado, de quem nada sabiam. Era uma hora quando tendo-se distribuido algumas 40 a 50 destas imagens, foram todos dar um osculo de despedida na grande cruz, e vieram ao jantar trazendo consigo o velho, que explicava a divindade das cerimoniaes, com outro companheiro; aos quaes deram depois uma camisa e mandaram de novo para terra.

A noite já ia adiantada, e Pedr'Alvares estava

(\*\*) Camões II, 45. (\*\*\*) Id. V, 4.

(::) Esta politica de deixar degradados fundava-se no coração patriótico do homem, que sempre promoveria os interesses da sua nação. Naquelle tempo bastava um portuguez ao pé de um padrão, para dizer a quem viesse — «Alto lá que isto é de Portugal.» Nesta viagem foram também depois deixados em Quiloa Antonio Fernandes, carpinteiro da Ribeira, e em Melinde Luiz de Moura, os quaes se tornaram celebres nos annos seguintes, e fizeram relevantes serviços.

ainda a arranjar a correspondencia para elrei, enviando-lhe as derrotas e observações dos pilotos, a fim de melhor se regularem os que lá voltassem. Pero Vaz fechava a sua carta, escripta em sete folhas de papel ordinario, accrescentando que ainda naquella noite tinham sabido dois grumetes da capitana, e recommendava muito a occupação da terra, que julgava com os seus uma ilha de 20 a 25 leguas.

Ainda não era bem dia quando Gaspar de Lemos já de todo aviado para partir, aproveitando uma refeição, levantou ferro e largou da bahia, entre vozeadas despedidas ao passar por cada uma das naus. E seguiu sua rota. —

Pedr'Alvares fez logo signal de partida, mandou pôr em terra os dois degradados; e quando voltou o batel já as naus começavam a vellejar. Aquelles ficaram na praia chorando, sendo consolados pelos indigenas que delles se compadeciam. Um dos dois morreu de desgosto; e outro veio, segundo Barros e Goes, a ser interprete daquella lingua aos do contrato de Jorge Lopes Bixorda. E voltando ao reino alguns annos depois, contou o succedido á desventurada Ypeca [nome tomado de certa ave] cuja historia ouvira da boca de um indio seu amigo. Obrigada pelos parentes a unir-se com quem não amava, morreu a mesquinha definhada de paixão. — Braz Ribeiro ficou curado do seu mal dentro em pouco, mas chegando a Calecut lhe tocou ir nos bateis com Toar proteger Ayres Correa, contra os insultos da terra, e ahí foi victima com este feitor e porventura também com Pero Vaz. Foi no dia 16 de Dezembro.

## XI.

### Successo.

Assim Pedr'Alvares Cabral, dando á patria um novo paiz para cultivar, associou ao seu nome gloria eterna, entrando no numero desses heroes que á maneira de meteoros luminosos apparecem, para n'um repente resplandecerem e sumirem-se logo. — Lá se vai pelos mares fóra com as suas onze naus! A fortuna, que até agora lhe foi propicia, cedo o abandonará por ter preferido ir ao oriente, [aonde com trações se saldaram as crueldades dos seus] ao goso deste novo paraíso terreal. O Adamastor lá está á espera de quem primeiro o afrontou, para delle agora tomar dura vingança engulindo-o com quatro destas naus!

Gaspar de Lemos, soccorrido da bussola e do astrolabio, chegou com a grande nova a elrei, e logo se propagou pelo reino. Foi inexplicavel o alvoroço com que todos souberam tal noticia. O pendão das quinas, que tremulava na Europa e na Africa, e nas ilhas do Atlantico e nos mares da India ia estender-se pelo occidente! Fizeram-se festividades em varias igrejas e conventos, sabiu uma procissão da sé, e elrei perdoou a seis judeus. — Um astrologo de grande nome, que naquella tempo havia, foi logo consultado; o qual levantando uma figura fez computação do tempo e hora, em que se descobriu a terra; e outro sim do tempo e hora que teve elrei aviso do seu descobrimento; e achou que ella havia de ser opulenta e servir de refugio e abrigo da gente portugueza (\*). Auctor houve que profetizou — viria a ser um grande imperio, de territorio immen-

(\*) Quem duvidar desta particularidade curiosa, saiba que a conta um escriptor, que viveu no mesmo seculo, e que a invasão franceza foi causa de que o astrologo não ficasse por impostor. Consulte o leitor o que dizemos nas *Reflexões Criticas* á obra de Gabriel Soares, impressas pela Academia no Tom. 5.º das *Memorias do Ultramar* pag. 99.

so, filho e todo descendente — em religião, lingua, costumes e até no sangue, de uma nação pequena em extensão, mas grande em homens e generosa, com quem um dia viria a rivalisar, e depois emancipar-se para gozar das riquezas com que nascera. — A noticia chegou logo a Castella. João de la Cosa foi immediatamente ao seu mappa (\*), e rabiscou ao sul do cabo, que descobrira Vicente Annes Pinzon, uma grande ilha [pois tal se dizia que era] ao pé da qual escreveu este distico:

YSLA DESCUBIERTA POR PORTUGAL.

O florentino Vespuzio, que estava vivendo em Sevilha, é convidado para ir, como foi sem questão, nos dois annos successivos em expedições portuguezas, commandadas por portuguezes explorar esta terra descuberta agora por portuguezes. Estas duas expedições voltaram com pouca felicidade, trazendo só canafistula e brasil. Sobre a extracção deste ultimo lenho [ubira-pitanga] fez a corôa um contracto, e os navios deste começaram a designar o paiz por *Terra do Brasil*, e depois disseram só *Brasil*. Tal é a etymologia do actual nome deste paiz, a qual — caso raro! — é das pouquissimas não contestadas. E assim um nome deduzido do lenho sagrado em tempos de tanta devoção e superstição foi substituido por outro tirado deste lenho rendoso!

O paiz gozou ao principio de tão pouca consideração que o rei afortunado não se dignou de o mandar outra vez explorar, nem acrescentar a tantos titulos do seu dictado um só que exprimisse o senhorio em tão grande parte do globo! E por seculos foi imitado pelos seus successores! Esta reflexão, que ainda até hoje se não fez, é a prova mais característica do esquecimento que as cousas do Oriente trouxeram ás do Occidente.

Sabemos — que o diz Barros — que «pelo nome de Santa Cruz foi aquella terra nomeada os primeiros annos: e a cruz arvorada alguns durou naquelle logar.» Depois a recolheram á igreja, e segundo Lindley ainda ha poucos annos a mostravam com grande veneração os habitantes da villa de Porto Seguro.

XII.

Epilogo.

.....  
E o Brasil se descobriu. Porem onde são os padrões de tão gloriosos e transcendentos acontecimentos que influiram na sorte dos homens? — A bahia *Cabralia*, vai para quatro seculos que espera por este nome, e ainda com mais rasão espera um monumento que a ennobreça, e a terra circumvisinha altamente o reclama.

O ilheo ainda não teve a fortuna de servir de base a uma torre luminosa, que em quanto utilise aos navegantes, qual outro farol de Alexandria, accuse ao viajante, em testemunho de gratidão, que alli foi plantada a primeira arvore do christianismo e se celebrou primeiro a religião de nossos pais!

Pois já que faltam monumentos physicos procuremos nós, ajudados pelos Sousas, Vasconcellos e Pizarros (:), apregoar estes e outros factos do rico paiz, cuja historia não teve nem Barros, nem Coutos,

(\*) Este mappa original existe hoje em poder do erudito Walkenaer, e foi publicado pelo maior sabio — o grande Humboldt.

(:) As *Memorias Historicas* deste brasileiro, impressas no Rio de Janeiro (1820 — 1822) em nove tomos de quarto, são uma fonte inexaurivel de noticias de mui laboriosa erudição, ácerca do Brazil.

nem Farias, nem Herreras, apesar de ser uma das que mais tendem a sublimar e encarecer os fastos lusitanos. F. A. V.

COOPER E A LITTERATURA DA AMERICA INGLEZA.

SERIA curioso comparar os juizos, muitas vezes contradictorios, que inspira em Inglaterra ás diversas opiniões o estado moral, politico e litterario dos Estados-unidos. Parece que ainda existe da parte dos inglezes certo odio contra os que emancipando-se lhes fugiram das mãos. Na sua vontade o povo americano seu irmão, que elles personificam com zombaria dando-lhe o nome familiar de *Jonathas*, não é mais do que um grosseiro negociante, ou um imitador avesso das graças britannicas, e cujo espirito esteril foi condemnado para todo o sempre aos frios calculos arithmeticos do escriptorio da casa de commercio. É comtudo incontestavel o progresso na litteratura deste povo, que nas mathematicas deu o melhor commentador de Laplace — o celebre Bowdich.

O auctor da *Columbiada*, José Barlow, tomou inspirações das bellezas de Milton e de Pope. A nova escola dos jovens americanos, dividida em duas seitas, estuda tanto os auctores do reinado da rainha Anna como as concepções originaes de Byron, Southey, Walter Scott, &c. Se quizessemos classificar os poetas americanos por palavras mal definidas, que os aristarcos applicam a tudo, poder-se-hia chamar a Pierpont e a Maxwell poetas classicos; em quanto que Paulding seria um romantico imitador de Byron, e Eastburn outro imitador de Scott. Na prosa Washington Irving escolheu Addison e Goldsmith por modelos; e o seu estilo é por vezes tão elegante e certo que mais rico do que os dois classicos inglezes; e torna-se original e sublime quando falla da sua America: convinha porem que neste ponto fosse ainda mais nacional e menos inglez. Com este rivalisa William Prescott, que publicou uma grande obra sobre o reinado de Isabel a Catholica.

Walter Scott tem por ora na America o unico successor. Os romances de Fenimore Cooper acham-se já traduzidos em francez e varias linguas europeas, e alguns já em portuguez. Entre estes conhecemos a traducção do *Piloto* e do *Derradeiro dos Mohicanos* pelo Sr. Moura. No primeiro destes passa-se a scena, como é bem de ver, quasi continuamente no mar, o que appresenta um duplo desafio á Inglaterra. Parece que o A. como bom cidadão quiz estabelecer que esse oceano, que os inglezes querem que faça parte dos seus dominios, tambem respeita o pavilhão americano: e pelo lado litterario é uma resposta triumphante a Scott, que tinha positivamente declarado ser impossivel pintar scenas de mar sem copiar Smollet. Fenimore Cooper veio destruir esta proposição.

O *Derradeiro dos Mohicanos* appresenta-nos as solidões da America na primeira idade da colonisação. O *Espião* é um romance nacional cujo quadro é feliz, a fabula de interesse, e os pormenores novos e divertidos. Cooper imitou neste romance não só o Walter Scott romanceiro como tambem o Walter poeta. *Lionel Lincoln*, cujo assumpto é o sitio de Boston, é um drama ácerca da emancipação. Cooper foi nelle bem inspirado pelo patriotismo e pela liberdade que adoptou por musas. Muitas mais são as obras de Cooper a quem o proprio Scott admirava, bem como o são os nomes de mui distinctos americanos.

Sempre os que menos sabem mais repr' hendem.  
BERNARDES.